

ECONOMIA

Relações internacionais • Notícia

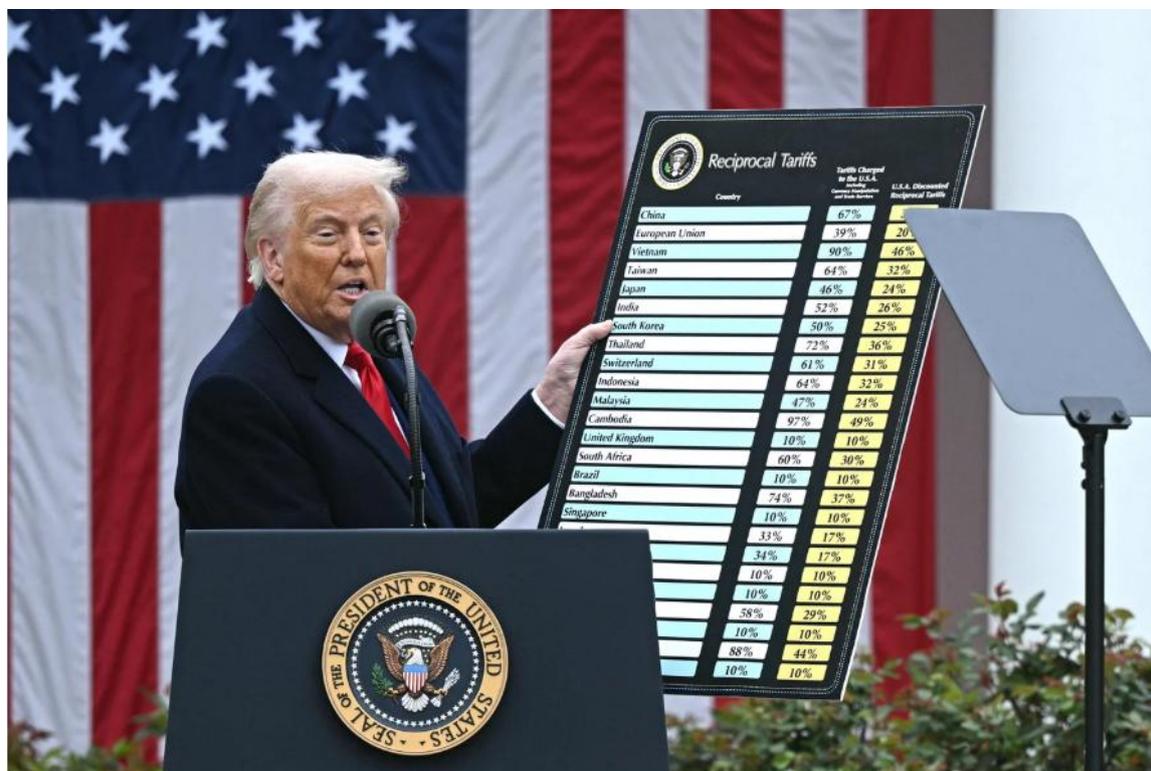
Acordo entre EUA e China para suspender tarifaço tem efeito misto no Brasil e no RS, dizem especialistas

As duas potências anunciaram a suspensão de 90 dias da maioria das tarifas que haviam adotado em meio à guerra comercial

12/05/2025 - 16h18min



ANDERSON AIRES

[Enviar email](#)

Donald Trump havia anunciado tarifas contra a China e outros países em abril.

Brendan SMIALOWSKI / AFP

O recém-firmado acordo entre Estados Unidos e China para suspender temporariamente as "tarifas recíprocas" pode provocar um efeito misto na economia do Brasil e do Rio Grande do Sul em um primeiro momento, segundo especialistas e integrantes do setor produtivo gaúcho.

Analistas ouvidos pela reportagem de Zero Hora avaliam que a medida pode ter efeitos primários, como uma desaceleração na abertura de novos mercados para produtos brasileiros e gaúchos. Já em um contexto mais geral, a trégua entre as duas potências pode beneficiar o Brasil em um cenário com menos incertezas nas relações comerciais ao redor do mundo, o que pode influenciar o câmbio e a inflação.

A suspensão anunciada nesta segunda-feira (12) vale por 90 dias, englobando a maioria das tarifas adotadas entre os dois países. A pausa na guerra comercial foi firmada em um comunicado conjunto divulgado após dois dias de negociações em Genebra, na Suíça.

Expansão de mercados perde fôlego

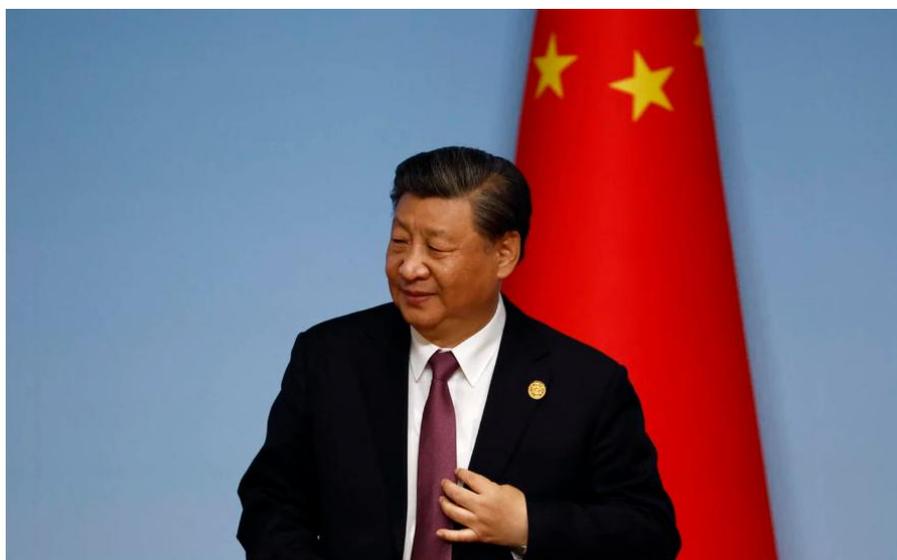
O professor Marcos Lélis, da Escola de Gestão e Negócios da Unisinos, afirma que a guerra tarifária tinha potencial de beneficiar o Brasil na exportação de alguns alimentos e commodities, como soja e proteína animal, movimento que já vinha sendo observado em alguns casos.

Com o acordo entre China e EUA, a tendência é de que essa expansão perca um pouco de fôlego, mas não desapareça, na avaliação do docente. Isso porque a desconfiança na relação entre os dois países pode manter a abertura para produtos brasileiros.

— A China não vai ter mais tanta segurança no parceiro. E a gente está falando do fornecimento de alimentos, que é um fator crucial para os países terem segurança. Acho que vai ter uma tendência de a China diversificar, desconcentrar as compras do agro dos Estados Unidos. Pelo menos nesses próximos anos. A China pode começar a procurar outros parceiros ou ampliar as exportações dos tradicionais. É aí que a gente pode trabalhar — diz Lélis.

No caso local, Lélis afirma que o Rio Grande do Sul apresentou queda nas exportações de soja para a China nos últimos meses. Mas lembra que fatores climáticos afetaram a produção no Estado, o que pode pesar nesse resultado.

No futuro, em caso de fluxo maior na venda do grão para mercados externos diante da guerra comercial, o RS teria de repensar a área plantada ou alternativas para ganho de produtividade para suprir essa demanda maior, segundo o economista.



Trump disse que pretende conversar com o presidente chinês, Xi Jinping.
FLORENCE LO / POOL/AFP

Menos riscos externos

O professor Maurício Weiss, do Programa de Mestrado Profissional de Economia (PPECO) da UFRGS, também afirma que o tarifaço trazia uma potencial vantagem ao permitir que o Brasil e o Estado exportassem mais produtos primários e de baixo processamento para a China, que antes eram exportados pelos EUA, especialmente no caso da carne e da soja.

Como é uma suspensão temporária, Weiss também entende que esse ganho de mercado tende a perder força, mas seguirá diante da incerteza sobre como ficará o acordo entre as duas potências após os 90 dias de trégua.

No entanto, Maurício Weiss também afirma que a suspensão das tarifas recíprocas abre espaço para reflexos positivos no Brasil diante de diminuição dos riscos globais.

— O acordo pode trazer um maior ânimo para o crescimento econômico internacional e isso afeta positivamente o Brasil. O principal aspecto é no sentido de reversão das incertezas globais, afetando positivamente a taxa de câmbio, com impacto positivo para a inflação. Apesar disso, hoje o real está se depreciando. Isso acontece porque, em muitos casos, o mercado financeiro antecipa o movimento com a expectativa de que um acordo fosse acontecer e, quando acontece, ocorre o ajuste do mercado.

O **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**, não vê grandes mudanças específicas para o Brasil no contexto geral a partir dessa negociação. No entanto, também avalia que a suspensão das tarifas diminui o temor de inflação, de estagflação, do mercado financeiro como um todo. Um exemplo disso é verificado nos mercados asiáticos, que fecharam com uma forte alta nas últimas horas, segundo o economista.

— A priori, é muito positivo para a economia global como um todo, principalmente para emergentes, para o Brasil também, porque a gente ameniza o risco externo, ainda que seja só para 90 dias. Mas esses 90 dias são para poder, naturalmente, sentar à mesa, conversar, negociar e chegar a um consenso comum entre as partes, Pequim e Washington — explica **Agostini**.

Reflexos na indústria

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), Claudio Bier, afirma que a guerra de tarifas entre EUA e China tinha potencial de beneficiar em parte alguns ramos da indústria nas exportações, como os de calçados e madeira. No entanto, reforça que a suspensão do tarifaço tem efeito geral mais positivo para o comércio mundial ao diminuir as tensões econômicas.

Essa reorganização de fluxo nas relações comerciais ao redor do mundo tende a beneficiar o Brasil, segundo o executivo.

— Tinha alguns setores que estavam animados, mas eu, particularmente, acho que, se a China realmente ficar bloqueada nos Estados Unidos, ela vai ser mais agressiva com o Brasil e países da América do Sul. Então, esse é o grande risco que nós temos. Pode ter alguma vantagem por

um lado, mas tem a desvantagem de a China também nos agredir com esse mercado violento que ela tem.